

## A FRANÇA E SUA LITERATURA NA VISÃO DE ADOLFO CAMINHA E NA DE SEUS PERSONAGENS

---

MARIA LETICIA GUEDES ALCOFORADO (UNESP)

---

A presença da França entre nós data de há muito. Desde o descobrimento do Brasil, e até mesmo antes dele, há notícias da passagem dos franceses por nossas costas. No início, eram nossas riquezas que atraíam esses viajantes, e inúmeras são as expedições que aqui vieram com o objetivo de comerciar com os índios. Mais tarde, também a curiosidade trazia-os ao Brasil.

No século XIX, porém, esse intercâmbio foi intensificado e isso se deve à vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808. No que concerne a relações propriamente comerciais entre o Brasil e a França, elas só foram iniciadas depois da queda de Napoleão, em 1814. A partir daí, entretanto, tenderam sempre a aumentar e, pouco a pouco, a França foi-se introduzindo em nossa vida, em nossos hábitos.

Mas não só o comércio contribuiu para o "afrancesamento" do nosso século XIX. Para cá vieram artistas - alguns por iniciativa do próprio governo, como é o caso, no início do século, da Missão Francesa -, romancistas e viajantes vários, atraídos pe-

las riquezas, pelas belezas ou pelo exotismo do nosso continente. A presença de franceses no Rio de Janeiro era tão marcante que chamou a atenção de Manet que registrou o fato em carta a seu irmão, enviada do Rio de Janeiro, a 11 de março de 1849: "Há muitos franceses no Rio. Assim ninguém se sente atrapalhado para se fazer compreender" (6, p.40).

Nosso fim de século, sobretudo, caracteriza-se por um aumento do intercâmbio com a França. É a época do Positivismo no Brasil. Nossos republicanos são discípulos fervorosos de Comte. Por outro lado, o progresso científico despertou nossa admiração e a literatura, imbuída desse espírito, teve escolhida favorável dos brasileiros. As novas teorias literárias - o naturalismo em especial - produziu bons frutos e deu novo rumo às nossas criações.

Aliás, parece que havia, por parte da França, além de interesses econômicos, a intenção de propagar suas idéias e tornar conhecidos seus valores artísticos. Nisso estava uma certa vaidade, o desejo de impor-se depois da derrota frente à Alemanha, em 1870. É assim que Brito Broca interpreta a atitude daquele país:

"Derrotada em 1870, mutilada nos territórios da Alsácia e da Lorena, a França, (...), não se deixava dominar pela obsessão da revanche, como aconteceria com a Alemanha, depois de 1918. Recalcando o pesar do desastre, em lugar de empenhar todas as forças vivas e as reservas nacionais no preparo de uma nova guerra, sentira a predestinação de dominar, não pelas armas, mas pelo fascínio do espírito, a universalidade. A obra de Zola, de Maupassant, de Verlaine e de Rimbaud, dos naturalistas, dos simbolistas, dos impressionistas, de toda uma plêiade magnífica de intelectuais e artistas, projetando pelo mundo o livro francês, a moda francesa, o gosto francês; e Paris ditando figurinos e fórmulas, seduzindo os povos com o feitiço irresistível de uma cortesã, tudo isso constituía uma espécie de desforra, ou pelo menos uma inebriante compensação para o golpe de 1870" (1, p.91).

E o Brasil, nessa época, sentiu a presença francesa impor-se ainda com mais força, na capital do Império como em suas províncias.

Adolfo Caminha viveu nesse Brasil do fim do século XIX. Tendo nascido em Aracati, Ceará, em 1867, veio a morrer no Rio

de Janeiro - onde se instalara definitivamente em fins de 1892 - a 19 de janeiro de 1897. Batalhador incansável, colaborou em vários periódicos da época, escrevendo contos e fazendo crítica literária. Publicou, ainda como estudante da escola da Marinha, **Vãos incertos**, 1886, coletânea de versos, e **Judith e Lágrimas de um crente**, 1887, contos. Em 1893 lança seu primeiro romance, **A normalista**; em 1894, publica **No país dos ianques**, crônica da viagem de instrução aos Estados Unidos como guarda-marinha, feita em 1886; em 1895, seu segundo romance, **Bom-Crioulo** e **Cartas literárias**, livro de crítica que reúne os artigos publicados na **Gazeta de Notícias**, e, em 1896, seu terceiro e último romance, **Tentação**.

Todas as publicações de Caminha refletem o espírito da época, o que é natural. Em suas obras não romanescas, assim como em seus romances, a França, sua cultura e sua literatura ocupam um lugar preponderante, gozam do mesmo prestígio de que gozavam no Brasil inteiro, principalmente na capital do país. É a influência do meio - a que o próprio romancista faz referência - à qual não se pode fugir totalmente. Segundo ele, "o(...) nativismo litterario justifica-se pela influencia do meio sobre o character do escriptor, proclamada por Balzac, Sainte-Beuve e Taine" (3, p.42). Lutando por uma literatura autêntica, brasileira, afirma que é o meio, que forma o escritor, que o leva a realizá-la. Desenvolvendo esta idéia, diz que o artista que vive no Rio "perde, inconscientemente, as qualidades caracteristicas de brasileiro...", enquanto "o provinciano, que desconhece a tumultuosa agitação dos grandes centros, que vive lá no coração de sua pátria, identificado com o viver do povo e com a natureza, é sempre original e verdadeiro, porque descreve o que viu e sentiu, communica-nos a impressão que directamente recebeu; é, por força, um nativista, um producto do meio nacional" (3, p.43). E por que acha ele que o artista educado no Rio de Janeiro corre o risco de desnacionalizar-se? Porque pode deixar-se influenciar "pelos modelos da França, dando uma obra falsa, imitada, sem originalidade, sem cõr própria, e o facto não é raro; ..." (3, p.43). Portanto, Caminha tinha consciência da presença daquele país em nossa vida, em nossas manifestações literárias, e sua visão é muito lúcida a esse respeito.

Para ele, há, nessa presença, um lado positivo e um lado negativo que ele analisa claramente em suas **Cartas literárias**. Vejamos, primeiramente, o aspecto negativo da questão. Há, por parte da França, segundo ele, uma certa exploração da ingenuidade do brasileiro. O excesso de suas produções, livros sem qualquer valor literário, é exportado para o Brasil. Este fato, aliás, denunciado por Caminha, foi reconhecido pelo próprio Zola em **Les romanciers naturalistes** (7, p.333-4).

Caminha, entretanto, não culpa inteiramente a França por essa situação; reconhece ele uma certa preguiça do brasileiro: "Não se estuda, não se trabalha, não se lê quasi, vive-se da produção estrangeira, ..." (3, p.4). Em várias cartas denuncia esse estado de coisas: "Queremos o prato feito... Ahi temos a França que nos manda annualmente centenas de obras novas em prosa e verso" (3, p.179-80). "O poeta nacional volve-se todo para as litteraturas da Europa e gasta o seu talento copiando o velho mundo, ..." (3, p.181). Em relação ao teatro, o mesmo desencantamento da parte do nosso crítico: "Continuamos estacionados, ou para dizer melhor, continuamos a traduzir dramalhões e operetas da França" (3, p.209). "Traducções, traducções e traducções - eis o **mot d'ordre**, a maldita mania, a lesão incurável!" (3, p.211). E ele próprio não consegue livrar-se da cultura francesa, de tal modo ela estava impregnada em nossa vida, mesmo em nossa linguagem. O **mot d'ordre** está aí para confirmar.

Há, porém, o lado positivo e nosso crítico - romancista não o esquece. Admira os grandes escritores cujas obras chegam até nós e, com elas, as teorias renovadoras. Caminha conheceu-as todas, obras e teorias. E qual delas seguiu? O naturalismo, e Zola entusiasmou-o sempre: "Quanto mais o leio, maior é a minha admiração, maior o meu entusiasmo por essa obra colossal que vem, desde a **Fortuna des Rougon**, estuando como um rio caudaloso e límpido, até ao **Docteur de Pascal**, até **Lourdes**..." (3, p.23). E Caminha não ignorou as novas idéias que surgiam com o Simbolismo, as tendências místicas da literatura mas, para ele, arte não é moda, e continuava fiel aos seus princípios: "eu preferirei o naturalismo sadío e vigoroso, límpido e sereno, retratando a vida, fazendo-nos chorar agora com **Germinie Lacerteux** ou

com Gervaise, para nos fazer rir, depois, com o conselheiro Acacio, de Eça, ou com o Jesus-Christo, de Zola" (3, p.80).

Caminha era, pois, naturalista e sua admiração ia para os irmãos Goncourt, Eça e Zola, sem esquecer Balzac, Flaubert e Maupassant. Procurou, entretanto, ser um escritor brasileiro consciente e rejubilava-se em suas **Cartas**, porque "a moderna litteratura nacional (...) vae-se libertando um pouco da influencia estrangeira" (3, p.47). Seu objetivo era assim a valorização das manifestações autênticas dos nossos romancistas e poetas tendo em vista uma literatura brasileira.

Em resumo, Adolfo Caminha, apesar de reconhecer o papel até certo ponto prejudicial desempenhado pela França e sua literatura no Brasil, não escapou à sua pressão: aí encontrou as teorias literárias que correspondiam às suas tendências e o exemplo dos grandes escritores. Entretanto, defendia o ideal de uma literatura nacional, livre da presença estrangeira.

Como não poderia deixar de ser, os personagens de seus romances assemelham-se a ele. Tanto em **A normalista** como em **Tentação** as expressões francesas se sucedem na fala de todas e, por toda parte, respira-se a França. Loureiro, personagem de **A normalista** e futuro marido da Campelinho, mora no Hotel Dragot, e a Maison Moderne é o ponto de encontro dos homens de Fortaleza que gostavam de jogar bilhar. Em **Tentação**, Paris é a grande ditadora da moda. D. Branca, esposa de Luís Furtado, manda fazer um vestido, "uma **toilette** simples, de um tecido novo, muito usado em Paris, que **A Notre Dame** recebera..." (5, p.23). Realmente, Paris é a medida de todas as coisas: "... o Rio de Janeiro era, a seus olhos estáticos de provinciano, a quintessência da civilização - Paris em ponto pequeno" (5, p.10), pensa Evaristo; o jardim Botânico é o "'nosso Bois de Boulogne'" (5, p.54), segundo o visconde de Santa Quitéria; e o passeio a esse recanto do Rio seria "delicado e de bom gosto, como se usa em Petrópolis e na Europa" (5, p.50): menu à francesa, regado ao champanha. Aliás, essa preferência pelo vinho francês - no mesmo piquenique, são servidos ainda Sauterne e Bourgogne - aparece também em **A normalista** entre os frequentadores do palácio presidencial: "Zuza - com o rosto afogado pelo Bordeaux que tomara ao almoço - estremeceu na cadeira" (4, p.89). Nesse mes-

mo romance, o presidente da província do Ceará, o Dr. Castro, tinha, na opinião de José Pereira, o grande mérito de falar "francês como um parisiense, ..." (4, p.81). Para Maria do Carmo, entre os muitos benefícios que ele fizera à província estava o fato de ter introduzido em Fortaleza "certos costumes parisienses, como por exemplo, o sistema de passear a cavalo a chouto, de aparar a cauda aos animais de sela" (4, p.131). Mesmo ao pensar na possibilidade de um casamento entre ela, Maria do Carmo, e Zuza, ele rico, ela pobre, é com Napoleão I que ela estabelece a comparação: "Napoleão I tinha-se casado com uma simples camponesa, e mais era um imperador!" (4, p.53). A história da França vai sugerir a Adolfo Caminha outras comparações. Em **Tentação**, a discussão de Furtado e Evaristo sobre seus princípios políticos, o primeiro defendendo a monarquia e o segundo, a república, encerra-se com a réplica de Furtado: "- Bem; fica-te lã com a tua consciência, meu Camilo Desmoulins, e depois não te arrependas..." (5, p.81). É a revolução francesa que inspira os princípios de Evaristo. Na pregação de seus ideais republicanos o provinciano "ameaçava o diretor do banco com o novo sistema de governo, e citava episódios da revolução francesa, repetindo os nomes de Marat, Robespierre e Danton, batendo com o punho na mesa, erguendo-se na ponta dos pés, num entusiasmo apaixonado pelos homens de 1789" (5, p.93). Em **A normalista**, o ideal político de Zuza é representado por Gambetta e Mirabeau e seu entusiasmo pelo primeiro leva-o a colocar no quarto o retrato do grande orador.

Portanto, a França é a elegância, a distinção social, a pátria da liberdade.

Mesmo em **Bom-Crioulo**, cujo ambiente restrito - a vida de bordo ou a breve permanência dos marinheiros em terra - não dá margem a hábitos requintados, a França também se faz presente. O relógio do tenente que estava de quarto é "um belo cronômetro de ouro comprado em Toulon" (2, p.21). Outra referência à França aparece na disputa dos marinheiros a respeito da nacionalidade de um vapor com o qual cruzam nas proximidades do Rio de Janeiro. O tamanho do navio leva-os a pensarem em um barco inglês, mas a cor das chaminés sugere um barco francês. Nomeiem então as **Messageries Maritimes**, companhia de navegação francesa,

e citam o nome do **Equateur** e o do **Gironde**, na realidade, dois navios que faziam a rota França-Brasil, na época.

Também a literatura francesa participa da vida dos personagens de Adolfo Caminha. Maria do Carmo "só lera romances de José de Alencar por uma espécie de bairrismo mal entendido, e a **Consciência** de Heitor Mallot (sic) publicada em folhetins na Província" (4, p.28-9). Na Escola Normal, o professor Berredo recomenda às alunas a leitura de Jules Verne, cujas obras eram "um precioso tesouro de conhecimentos úteis e agradáveis". (4, p.58). Neste caso não é somente a presença do escritor francês que é importante, mas o que ele representa como "'propagandista das ciências'" (4, p.59). A mesma preocupação com a ciência leva José Pereira a dizer, julgando as moças de seu tempo: "hoje não há que fiar em moças, pobres ou ricas. Todas elas sabem mais do que nós outros. Lêem Zola, estudam anatomia humana e tomam cerveja nos cafés" (4, p.66).

Referindo-se à ascensão de José Pereira em sua carreira de jornalista e escritor, diz o narrador: "Conhecia Dumas pai de cor e salteado, fora o seu primeiro 'mestre'. Depois entregou-se a ler os **Miseráveis**, declarando-se hugôlatra incondicional..." (4, p.64). Os autores franceses estão na base da formação intelectual dos personagens de Caminha assim como estavam na de todos os brasileiros. A presença de Hugo não nos parece estranha: desde os tempos de jovem aluno da Escola Naval, o romancista votava-lhe uma admiração especial. Eram os ideais de liberdade e república do grande francês que o atraíam, a tal ponto que, diante do imperador Pedro II, não hesitou em colocá-los em destaque durante uma comemoração pelo 30º dia do falecimento de Hugo. Dessa época são seus primeiros poemas (**Vãos incertos**) todos eles apoiados na estética romântica.

Entretanto, ao escrever **A normalista**, abandonara já esses ideais. Castrinho, o colaborador da **Província**, que se considera "o poeta consciencioso e moderno que não se limita a cantar Elviras e a copiar Lamartine," (4, p.67) é bem o porta-voz de Caminha, imbuído já das teorias naturalistas. Daí, estaria certamente inspirado em Eugène Sue, outro romancista francês de imaginação fecunda, o título do jornal para o qual escreve versos o Perneta, "sujeito pretencioso (sic) e pernóstico, metido a lite-

rato" (4, p.49). Como *Le juif errant* daquele escritor, o jornal chama-se *Judeu Errante* e significa, da parte de Caminha, um gesto irônico: o poeta e o jornal, fora os dois do espírito da época, isto é, defendendo ainda os ideais românticos, equivalem-se no ridículo. Esse mesmo tipo de ironia desprende-se da fala de Evaristo, personagem de *Tentação*. Homem consciente do espírito de seu tempo, das idéias materialistas de sua época, diante das lamentações de sua mulher, cansada da vida na capital, reage assim: "- E então, filha? Dir-se-ia que tens lido os romances de Georges Ohnet ou os folhetins de Montepin..." (5, p.99).

Mas a mesma complexidade de sentimento em relação à França, que detectamos em Caminha, manifesta-se em seus romances, sobretudo em *A normalista*. Nele, vemos, de forma bem nítida, a impregnação da cultura francesa na sociedade de Fortaleza: na linguagem de seus membros, em suas leituras, em seus hábitos, nos vinhos que bebem. A França significa, para quase todos eles, o modelo, a perfeição. Essa admiração leva-os a considerar uma das qualidades do presidente da província o falar "francês como um parisiense", o ter uma "finíssima educação social" (4, p.80-1).

Entretanto, essa mesma perfeição do presidente é vista com outros olhos: "S. Excia. era homem de costumes dissolutos, acostumado a beber cerveja nos cafés cantantes de Paris, e a passear de braço com as '*cocottes* no Bois de Boulogne'" (4, p.122).

Do mesmo modo, o sistema educacional francês, apresentado como exemplar por João da Mata, é repudiado por Elesbão: "- A educação feminina, (...) é um mito ainda não compreendido pelos corifeus da moderna pedagogia. Queríamos introduzir no Ceará os dissolventes costumes parisienses, à fortiori, mas não eram essas as tendências do nosso povo essencialmente católico e essencialmente crédulo. Não admitia a teocracia tal como aceitavam os padres - (...) - mas era preciso respeitar as crenças populares, o verdadeiro sentimento religioso, sem hipocrisia, sem preconceitos" (4, p.146-7).

Portanto, a França merecia ser admirada, mas não em tudo. Seu sistema educacional era bom, mas não era o que lhes convinha.



E essas contradições dos personagens são as de Caminha: todos viam a França com os mesmos olhos. Para eles devia-se assimilar somente o que valia a pena ser assimilado, aquilo que correspondia às nossas potencialidades e que não afogava a nossa individualidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BROCA, Brito. **Horas de leitura**. São Paulo, Instituto Nacional do Livro, 1957. 308p.
2. CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. Rio de Janeiro, Ed. Ouro, 1966. 213p.
3. \_\_\_\_\_ **Cartas litterarias**. Rio de Janeiro, Aldina, 1895. 225p.
4. \_\_\_\_\_ **A normalista**. 5.ed. São Paulo, Ática, 1977. 157p.
5. \_\_\_\_\_ **Tentação; No país dos ianques**. Rio de Janeiro, J. Olympio; Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1979. 177p.
6. TAUNAY, Afonso de E. **No Rio de Janeiro de Dom Pedro II**. Rio de Janeiro, Agir, 1947. 243p.
7. ZOLA, Emile. **Les romanciers naturalistes**. Paris, Eugène Fasquelle, 1898. 388p.

